



# **Desenvolvimento Regional: a comunicação organizacional como possibilidade de constituição da identidade dos sujeitos no Programa Catavida de Novo Hamburgo-RS**

CAROLINE DELEVATI COLPO  
Universidade Feevale – Novo Hamburgo – RS - Brasil

ANDREZA DA SILVA OLIVEIRA  
Universidade Feevale – Novo Hamburgo – RS - Brasil

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar o desenvolvimento regional por meio da comunicação organizacional do Programa Municipal de Gestão de Resíduos Sólidos Catavida na constituição da identidade dos catadores. O Programa Catavida foi criado e implantado pela Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo-RS com o propósito de organizar a atividade de catação no município, e, nesse sentido, busca proporcionar aos catadores condições adequadas de trabalho, justa remuneração e consequente melhoria na qualidade de vida. O estudo, de caráter exploratório qualitativo e quantitativo, utilizou-se de técnicas de pesquisa bibliográfica, documental, observação participante, questionários e entrevistas. Os questionários foram aplicados a 67 catadores e as entrevistas foram realizadas com 12 catadores. Dentre outros resultados, verificou-se que a comunicação organizacional do Programa Catavida interfere na constituição da identidade dos catadores, uma vez que hoje se sentem valorizados enquanto profissionais da catação. Quanto à contribuição do Programa para a vida dos catadores, pode-se constatar que a renda é o elemento mais importante na constituição de suas identidades.

**Palavras-chaves:** Desenvolvimento regional. Comunicação organizacional. Identidade. Programa Catavida.

## **Regional development: the organizational communication as possibility for the constitution of the identity of the subjects in Programa Catavida of Novo Hamburgo-RS**

## **Abstract**

This study analyzes the regional development and formation of an identity for catadores (individuals that search through garbage seeking to identify and collect recyclable material) through the organizational communication of the Programa Municipal de Gestão de Resíduos Sólidos Catavida. The Programa Catavida was created and implemented by the city of Novo Hamburgo, RS with the intention of organizing catador activity in the city in order to provide them proper working conditions, fair pay and consequential improvement in quality of life. This is an exploratory study, qualitative and quantitative, and uses the techniques of bibliographical research, documentation, participant observation, questionnaires and interviews. Sixty-seven catadores responded to questionnaires, and twelve catadores were interviewed. The results of this study show that organizational communication of the Programa Catavida interfered the formation of a new identity among catadores due to the new value they felt as professionals in the community. As for the program's contribution to their lives, it may be seen that income is the most important element in the formation of their identities.

**Keywords:** Regional development. Organizational communication. Identity. Programa Catavida.

## 1 As concepções de desenvolvimento regional

A concepção de desenvolvimento que existiu no cenário mundial, no pós-guerra, baseava-se na premissa de que, para um país ou uma região se desenvolver, era necessário que estivesse integrada aos capitais nacionais e internacionais, ou seja, para uma região ser desenvolvida, necessariamente precisava estar ligada ao mercado capitalista mundial.

Esse desenvolvimento se deu, principalmente, no âmbito econômico, deixando de lado as dimensões sociais e culturais que existiam nessas regiões. Esse modelo único de desenvolvimento levou muitos países a escolher a separação funcional do domínio econômico e da vida privada, colocando entre estes dois um espaço político aberto e um mercado forte, muitas vezes recusando a defesa pura e simples de identidades culturais (ALMEIDA, 1996).

Com uma perspectiva similar, um dos conceitos de desenvolvimento, sugerido por Becker (2000), aponta o desenvolvimento como um movimento geral de transnacionalização, que continua se caracterizando pelo primado econômico, considerando as demais dimensões da vida humana (cultural e social) como um meio para a efetivação desse desenvolvimento. Nesse processo, a direção está nas mãos dos grandes conglomerados mundiais e é liderada pelos países do primeiro mundo, principalmente Japão e EUA. Esse conjunto de países dá uma determinada lógica e dinâmica ao processo de valorização do capital, que se objetivam em padrões de desenvolvimento para o mundo, deixando evidente de quem é a hegemonia no processo de desenvolvimento contemporâneo.

Porém, para complementar o entendimento de desenvolvimento, Becker (2000) introduz o processo de regionalização sociocultural, que se caracteriza pela defesa dos recursos ambientais e culturais e pela busca de alternativas para sobreviver ao processo de globalização. Esse processo se dá em dois momentos. O primeiro se caracteriza pela resistência e defesa criando estratégias defensivas. O segundo momento é de ações cooperadas, que poderão configurar estratégias baseadas nos recursos naturais e culturais de cada espaço (localidade, municipalidade, região, entre outros).

Almeida (2008) atualiza seu entendimento, e diz que o desenvolvimento é um processo multifacetado, multiator, multinível, multidimensional e multissetorial. Nesse processo, a diversidade admite diversas possibilidades, valorizando novos diálogos, redes, produtos, instituições, capitais ecológicos, sociais e culturais. Aqui nota-se que a dimensão sociocultural local entra no processo de desenvolvimento, na busca de crescimento por meio de suas potencialidades, dos seus diferenciais, levando em conta o capital humano que é o intermediador desse processo e potencializando, assim, o desenvolvimento regional.

Com a concepção de desenvolvimento regional (BECKER, 2000), possibilitou-se também o surgimento da expressão desenvolvimento sustentável, que, de acordo com Almeida (1996, p. 14), tem como uma das suas premissas fundamentais o reconhecimento da “insustentabilidade” ou inadequação econômica, social e ambiental

do padrão de desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Essa noção de desenvolvimento sustentável nasce da compreensão da finitude dos recursos naturais e das injustiças sociais provocadas pelo modelo de desenvolvimento vigente na maioria dos países.

No Relatório Brundtland (1987), a ideia de desenvolvimento sustentável aparece nos seguintes termos: é aquele “capaz de garantir as necessidades das gerações futuras” (ALMEIDA, 1996, p.15). Essa expressão remete à ideia de uma integração entre os diferentes níveis de necessidades: naturais, humanas, sociais, econômicas, políticas, que se propõe a eliminar a desigualdade social por meio de uma ideia de igualdade e equidade dos indivíduos e o sistema social e econômico. No entanto, essa concepção de desenvolvimento sustentável não está sendo aceita pela maioria dos atores e agentes econômicos envolvidos com o desenvolvimento das sociedades contemporâneas. Esse descontentamento vem ocorrendo porque a concepção econômica de desenvolvimento sustentável aponta para novos mecanismos de mercado como solução para condicionar a produção à capacidade de suporte dos recursos naturais. Apesar dessas contradições, cabe ressaltar a necessidade de novos meios de desenvolvimento, tendo em vista a insustentabilidade do desenvolvimento hegemônico.

A partir disso, o desenvolvimento sociocultural da sociedade e dos indivíduos, por meio do desenvolvimento regional, começa a ser levado em conta, e Almeida (1996, p.16) refere-se a tal, quando afirma que:

o caminho que me parece ser ideal a ser seguido é aquele em que as necessidades dos grupos sociais possam ser atendidas a partir da gestão democrática da diversidade, nunca perdendo de vista o conjunto da sociedade. A direção, pois, do desenvolvimento sustentável deixa de ser aquela linear, única, que assumiu o desenvolvimento dominante até nossos dias; não mais a marcha de todos em uma só direção, mas o reconhecimento e a articulação de diferentes formas de organização e demandas como base, sustentáculo a uma verdadeira sustentabilidade. O “modelo” de desenvolvimento buscado seria então um modelo rico em alternativas, capaz de enfrentar com novas soluções a crise social e ambiental. É preciso conceber um desenvolvimento que tenha nas prioridades sociais sua razão primeira, transformando, via participação política, excluídos e marginalizados em cidadãos. Esta me parece uma verdadeira chance para a reorganização consequente da sociedade, visando a sustentação da vida e a manutenção da sua diversidade plena.

Assim, o desenvolvimento não é algo que vem de fora com especificações apenas de condições econômicas. Os grupos locais devem possuir seus próprios projetos, práticas, estratégias, ações, identidades e motivações. A importância está em entender o modo de vida dos locais nos quais, as alternativas e soluções estão nos seus estilos de vida, formas de vivência e na sua valorização, compreensão, potencialização e estimulação (ALMEIDA, 2008).

É com esse pensamento de desenvolvimento sustentável, capaz de transformar excluídos e marginalizados em cidadãos, que se torna possível a estruturação de uma sociedade com um forte capital social, que, conforme Monastério (2002), é capaz de formar “*bonding social capital*” que são grupos homogêneos, voltados para dentro, nos quais as identidades dos membros são reforçadas. Essa “supercola sociológica” cria um ambiente de lealdade e reciprocidade entre os membros, sendo útil, especialmente, para a resolução de problemas de ação coletiva e para o apoio mútuo intragrupo.

Dessa forma, pode-se pensar em desenvolvimento regional paralelo ao desenvolvimento sustentável, uma vez que este é capaz de gerar cidadania entre indivíduos de uma sociedade ou região. Esta cidadania, gerada pelo desenvolvimento sustentável, por sua vez irá gerar e fomentar o desenvolvimento da região por meio de organizações. Ou seja, há uma necessidade de criar trabalhos em organizações cooperadas,<sup>1</sup> que envolvam os indivíduos dentro das ações da sociedade da qual fazem parte, e desta forma, passem a se sentir incluídos e cidadãos e sejam capazes de constituir identidades fortes e consolidadas.

<sup>1</sup> A organização aqui estudada será entendida com uma organização cooperada e apresentada a seguir.

## 2 A comunicação organizacional na constituição de identidade

Para Srour (1998), as organizações podem ser definidas como coletividades especializadas na produção de um determinado bem ou serviço, combinando agentes sociais e recursos e, posteriormente, convertendo-se em instrumento de “economia de esforço” (SROUR, 1998, p. 107). Ainda para o autor, as organizações podem ser consideradas como sistemas abertos e campos de forças que competem entre si para absorver energia do ambiente externo, processar insumos e gerar produtos. Para isso é necessário administrar pressões e fomentar grupos de apoio para criar credibilidade junto à sociedade (SROUR, 1998). Conforme Chanlat (1993),

As organizações contemporâneas exercem influência cada vez maior sobre as condutas individuais, sobre a natureza, as estruturas socioeconômicas e a cultura, o que as leva a se transformar em elementos-chave das sociedades, contribuindo dessa forma a edificar uma ordem social mundial. (CHANLAT, 1993, p. 40)

As organizações também podem ser vistas como locais onde os indivíduos possam realizar seus objetivos pessoais. Para Chanlat (1993, p. 89), a organização pode ser definida “como um local onde diferentes agentes contribuem com seus recursos para a produção de objetos e serviços. É também o lugar que cada indivíduo explora, adapta e habita, a fim de realizar seus objetivos”.

Kunsch (2008) aborda a complexidade de pensar a comunicação como fenômeno social nas organizações:

O fato de as organizações serem compostas por pessoas que possuem os mais diferentes universos cognitivos e as mais diversas culturas e visões de mundo implica por si só a complexidade que é pensar a comunicação nas organizações ou as organizações como comunicação. (KUNSCH, 2008, p. 178)

Segundo Hohlfeldt (2001), a comunicação, ao permitir a troca de mensagens, concretiza uma série de funções sociais importantes, tais como informar, persuadir, convencer, prevenir acontecimentos e até construir identidades. Para o autor, a comunicação se refere à:

uma habilidade que se aprende, uma habilidade exclusivamente humana. Ela ocorre através da linguagem que é também uma capacidade que pertence apenas ao ser humano. Como o ser humano é, além do mais eminente social, isto é, ele é incapaz de viver isolado e solitário, decorre daí o fato de ser o fenômeno da comunicação também um fenômeno social. (HOHLFELDT, 2001, p. 61)

Assim, a comunicação organizacional tenta abranger todas as possibilidades de comunicação utilizadas e desenvolvidas pela organização para se relacionar e interagir com seus sujeitos. Segundo Freitas (1991), as organizações são vistas como fenômeno de comunicação sem o qual inexistiriam. Neste sentido, entende-se que é a comunicação organizacional, quando bem gerenciada, que possibilitará maior sinergia entre seus diversos sujeitos.

Por meio de processos comunicativos, o sujeito organizacional, que carrega consigo seus elementos simbólico,<sup>2</sup> fará trocas com uma multiplicidade de outros elementos simbólicos que estão à disposição na organização. É por meio desses processos de comunicação, que as trocas dos elementos simbólicos, fazem com que o indivíduo se torne aquilo que pretende ser, podendo estabelecer identidades individuais, coletivas e ainda transformando o sistema simbólico na busca de uma possível identificação. Woodward (2000, p. 18) afirma que “diferentes significados são produzidos por diferentes sistemas simbólicos” (WOODWARD, 2000, p. 18).

O diferente muitas vezes possibilita que a identidade do sujeito se estabeleça, inclusive no contexto organizacional. Woodward (2000) fala que a identidade não é o oposto da diferença, mas que a identidade depende da diferença. Nas relações sociais e nas relações de trabalho, criadas nas organizações, essas formas de diferença podem ser estabelecidas, pelo menos em parte, para que o indivíduo se identifique.

Assim, a identidade é composta por diferentes fatores, e, apresenta-se de forma bastante peculiar em cada indivíduo. A identidade está sempre sofrendo ações de transição, portanto, pode-se afirmar que a identidade não é estática e sim um processo que se modifica a medida em que os sujeitos se comunicam. Hall diz que “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes e não algo inato. Ela permanece sempre “em processo”, sempre sendo “formada” (HALL, 2001, p. 38). Ainda para autor Hall (2001),

dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortada “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (HALL, 2001, p. 13)

A formação da identidade é algo que ocorre ao longo do tempo, através de processos inconscientes, permanecendo sempre incompleta (HALL, 2001). O autor sugere, assim, que em vez de falar em identidade como algo já acabado, deve-se falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. Freitas (2006) ressalta que é necessário distinguir identidade de identificação, sendo:

a identidade é um resultado, um estado social psicossocial que pode variar no tempo, ou seja, não é fixa e depende de seu ponto de definição, pois pode dizer respeito ao indivíduo, ao grupo e à sociedade em geral. [...] A identificação, por sua vez, é um processo que apresenta duas acepções: a) o reconhecimento de algo ou de alguém; b) o reconhecer-se em algo ou alguém. (FREITAS, 2006, p. 40).

2 Os elementos simbólicos não se restringem a apenas objetos de consumo, como obras de arte, livros, gastronomia, cinema, mas englobam as noções de simbólico de forma muito mais ampla, contemplando, por exemplo, os mitos e ritos de uma sociedade como símbolos que de alguma maneira geram uma relação de significação entre os indivíduos.

Conforme a autora, os sujeitos possuem diversas identidades e são essas diversas identidades que fazem com que o sentimento de identidade seja experimentado. O sentimento pode ser composto por sentidos de singularidade, coerência, filiação ou pertencimento. Esses fatores se constituem como fonte de coerência interna para os sujeitos, criando assim uma autocategorização que pode variar de acordo com sua nacionalidade, sexo, idade, profissão, cultura etc.

A identificação é conceituada pela autora baseado no conceito que aparece na psicanálise, ou seja, como um processo psicológico “através do qual o sujeito assimila um aspecto, uma propriedade ou um atributo de outro e se transforma, total ou parcial, segundo o modelo daquele” (FREITAS, 2006, p. 40). Esse processo influenciará a personalidade do sujeito, essa sendo constituída e diferenciada por uma série de identificações. Para a autora, é por meio desse processo de identificações que a identidade dos sujeitos é constituída.

Assim os sujeitos, ao integrarem organizações, carregam consigo elementos de sua identidade e, na menor relação que estabelecem com o outro, tudo pode ser alterado e (re)criado pela identificação. Nesse sentido, compreende-se que os indivíduos, quando chegam às organizações, já trazem consigo uma série de características oriundas do meio do qual fazem/faziam parte. Diante dessa perspectiva, entende-se que os sujeitos não ocupam um lugar de passividade dentro das organizações, mas que se interagem com elas e, da mesma forma, como são afetados pelo sistema organizacional, interferem/contribuem com esse sistema por meio da comunicação organizacional estabelecida.

O entendimento da importância de compreender como as organizações, por meio da comunicação organizacional, contribuem/interferem na constituição da identidade dos indivíduos pode também ser encontrada no exemplo de Hall (2009, p. 109), quando o autor contribui para a discussão proposta, afirmando que:

é precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2009, p.109).

De acordo com Freitas, para pensar as organizações e as identidades, se faz-se necessário atentar para a relação indivíduo/organização, visto que os vínculos estabelecidos entre ambos ultrapassam a questão puramente econômica. Nesse sentido, a autora diz que:

(...) não há como retirar o indivíduo do campo social e da dinâmica das instituições aí existentes. Os laços que os indivíduos desenvolvem em suas relações com as organizações são mais do que simplesmente econômicos; na verdade, são carregados de afetos e, portanto, também de natureza psicológica. (FREITAS, 2006, p. 11)

Assim, pode-se afirmar que a identidade dos indivíduos está associada à sua identificação com o meio no qual está inserido, inclusive com a estrutura da organização da qual faz parte. Nesta perspectiva, também se pode inferir que, com o decorrer do tempo, esses sujeitos passem a adotar como suas algumas características da organização,

fazendo com que essas características passem a fazer parte de sua identidade individual, da mesma forma que fazem com que elementos de sua identidade passem a fazer parte da identidade organizacional.

### **3 O objeto de estudo: Projeto Catavida, uma organização cooperada**

A fim de que haja uma melhor compreensão das atividades que dizem respeito ao Programa Catavida no Município de Novo Hamburgo-RS, bem como das razões pelas quais esse Programa existe desde 2009, faz-se necessária uma breve contextualização da Lei Federal no 12.305, de 2 de agosto de 2010, referente à implantação da Política Nacional de Resíduos Sólidos-PNRS.

Conforme o Art. 4º do capítulo I, a PNRS reúne o conjunto de princípios, objetivos, instrumentos, diretrizes, metas e ações adotadas pelo governo federal, isoladamente ou em regime de cooperação com estados, Distrito Federal, municípios ou particulares, com vistas à gestão integrada e ao gerenciamento ambientalmente adequado dos resíduos sólidos. Cabe destacar três princípios da PNRS:

a visão sistêmica, na gestão dos resíduos sólidos, que considere as variáveis ambiental, social, cultural, econômica, tecnológica e de saúde pública; A cooperação entre as diferentes esferas do poder público, o setor empresarial e demais segmentos da sociedade; O reconhecimento do resíduo sólido reutilizável e reciclável como um bem econômico e de valor social, gerador de trabalho e renda e promotor de cidadania.

Sobre a importância da participação do setor público, neste caso representado pelas prefeituras municipais, quanto ao reconhecimento dos catadores como figuras fundamentais na gestão de resíduos sólidos, o Instituto de Pesquisa Aplicada-IPEA, destaca que:

o êxito da gestão compartilhada dos resíduos sólidos, conforme preconiza a PNRS, requer das prefeituras municipais o comprometimento com a inclusão social dos catadores, a inserção efetiva destes agentes nos programas de coleta seletiva, além do reconhecimento das externalidades sociais e ambientais da atividade de catação. (IPEA, 2013, p. 37)

Nessa perspectiva, a visão do Ipea, no que se refere ao cumprimento dos objetivos apresentados pela PNRS, reafirma a importância do papel das prefeituras municipais no diálogo com profissionais da catação. Desse modo, as prefeituras podem desenvolver ações que contribuam para a inclusão social dos catadores, inclusive de forma a contribuir para que não sejam mais estigmatizados e saiam da situação de vulnerabilidade social auxiliando, assim, o desenvolvimento regional que, segundo Almeida (1996), concebe um desenvolvimento que tenha nas prioridades sociais sua razão-primeira, transformando, via participação política, excluídos e marginalizados em cidadãos.

Segundo dados do IPEA (2013), existem, no Brasil, pelo menos 387.910 catadores; na Região Sul, 58.928. Pode-se dizer que muitos desses indivíduos encontram na atividade de catador a única alternativa possível para realizar a sobrevivência por meio do trabalho, ou seja, a alternativa mais viável diante do contexto, muitas vezes de miserabilidade, em que estão inseridos.

O segmento social dos catadores de material reciclável integra o cenário urbano no Brasil há muitos anos, convivendo em espaços espalhados em pequenas e grandes cidades. Seus primeiros registros datam do século XIX, o que demonstra que tal fenômeno praticamente acompanhou todo o processo de urbanização do país. (IPEA, 2013, p. 5)

3 Dados retirados da pesquisa documental.

Nesse cenário, surge o Programa Catavida, que é uma ferramenta pública de enfrentamento dos processos de desigualdades sociais numa cidade onde, em 2010, estimava-se ter cerca de 2 mil catadores de materiais recicláveis. Elaborado no ano de 2009 e concluído em 2010, antes da publicação da PNRS, o Programa Catavida é uma iniciativa da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, juntamente com uma antiga cooperativa de catadores da região. Por isso, é entendida como uma organização cooperada. Atualmente encontra-se sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social-SDS, Secretaria Municipal de Meio Ambiente-SEMAM, Secretaria Municipal de Educação-SMED e Diretoria de Economia Solidária-DES.<sup>3</sup>

O Programa Catavida surge com o objetivo geral de desenvolver ações integradas, com base nas dimensões que abrangem a sustentabilidade social, econômica e ambiental, considerando todas as medidas envolvidas no enfrentamento da questão social do lixo, desde a geração dos resíduos até o destino final, potencializando o trabalho dos catadores de materiais recicláveis. Segundo Becker (2000), trata-se de ações cooperadas baseadas nos recursos naturais e culturais de cada espaço (localidade, municipalidade, região, entre outros).

As ações desenvolvidas pelo Programa demonstram que há preocupação em trabalhar não somente a organização dos catadores – infraestrutura -, como também questões relacionadas ao meio ambiente. Demonstram ainda a intenção de ter a sociedade como uma parceira do Programa. Nessa perspectiva, pode-se concordar com o autor Stuart Hall (2009) quanto à sua proposta de que as identidades estão dentro e não fora do discurso.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2009, p. 109).

Faz-se importante destacar que o processo de elaboração do Programa Catavida, assim como sua operacionalização, contou com a colaboração e participação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis-MNCR. O MNCR foi criado oficialmente em junho de 2001, durante o I Congresso Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis realizado em Brasília, e hoje é reconhecido como a maior organização nacional de defesa dos interesses dos catadores.

#### 4 Um apanhado metodológico

Este trabalho, quanto à sua metodologia, foi viabilizado primeiramente por meio de uma pesquisa exploratória, que tem como principal função nortear o pesquisador, mostrando um panorama sobre

o tema a ser pesquisado e fixando objetivos. Para atender às propostas desta pesquisa, foi utilizado o nível quantitativo, que apresenta dados estatísticos e permite traçar o perfil de um determinado grupo, neste caso, dos catadores do Projeto Catavida. A pesquisa quantitativa foi aplicada, por meio de questionários com perguntas fechadas, por acessibilidade, com o maior número possível de catadores do Programa Catavida, totalizando 67 dos 80 catadores atuantes no momento da pesquisa.<sup>4</sup> O nível de pesquisa qualitativo, que demandou um trabalho de campo mais intensivo, considerou as que questões subjetivas não puderam ser reveladas em números.

Quanto aos procedimentos técnicos, foram utilizadas as técnicas de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação participante, questionário e entrevista. A pesquisa bibliográfica foi realizada a fim de compreender conceitos de desenvolvimento regional, comunicação organizacional e identidade, assim como outros temas necessários ao desenvolvimento desta pesquisa. A pesquisa documental analisou documentos disponibilizados pelo Programa Catavida, como *folders* distribuídos pelo programa nos quais constam, entre outras informações, os objetivos do programa. Analisou-se ainda uma edição de um jornal produzido pela Diretoria de Comunicação da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo-PMNH em comemoração aos 85 anos do município. Informações disponibilizadas no site da PMNH também foram utilizadas.

Também foi utilizada como técnica de pesquisa a observação participante, que permite ao pesquisador captar situações que só são possíveis quando os indivíduos são observados diretamente em sua própria realidade. Essa técnica de pesquisa possibilitou uma melhor compreensão da realidade vivida pelos catadores em seu cotidiano. Conforme Peruzzo (2008), as observações auxiliam nas descrições e interpretações de situações. As observações foram realizadas nos dias em que as pesquisadoras estiveram nas Centrais do Bairro Centro e Bairro Roselândia<sup>5</sup> aplicando os questionários. Pode-se afirmar que as observações realizadas durante a aplicação dos questionários contribuíram para as definições das perguntas que foram realizadas nas entrevistas. A etapa da realização das entrevistas, que ocorreram após a aplicação do questionário, foi realizada com 4 catadores e 8 catadoras escolhidos por acessibilidade e proximidade com as pesquisadoras durante as observações participantes.

4 Neste caso não se trabalhou com cálculo de amostragem, nem margem de erro e nível de confiança, pois a intenção da pesquisa quantitativa era aplicar o questionário ao maior número de pessoas, chegando próximo ao universo dos possíveis pesquisados.

5 Espaços onde a cooperativa realiza suas atividades.

## 5 Analisando os resultados

O Programa Catavida, desde sua criação, em 2010, já capacitou 270 pessoas. Desses, em torno de 80 são atuantes no programa atualmente. Na Central Centro, atuam cerca de 25 cooperados e os demais atuam na Central do Bairro Roselândia. O Programa capacitou 270 pessoas, por que havia a pretensão de que no Município de Novo Hamburgo teria sete unidades de triagem e não apenas as duas hoje existentes. A razão colocada pelo Programa para a não existência das cinco novas unidades é de ordem orçamentária.

Dos 80 cooperados, 67 responderam ao questionário de perfil para este trabalho. Os dados mostram que há um equilíbrio quanto ao gênero dos catadores que atuam nas centrais. Do total de respondentes, 37 (55%) são homens e 30 (45%) são mulheres. Quanto à faixa etária, os dados mostram que a maioria dos respondentes se encontra na faixa dos 26 aos 55 anos. Essa faixa etária representa 77% dos respondentes. Quanto ao estado civil, 67% dos respondentes, 45 catadores, são casados ou vivem em união estável.

Os respondentes tiveram seu grau de escolaridade formado, principalmente, pelo ensino fundamental incompleto (53 respondentes). É possível afirmar que esse dado pode ser relacionado às características encontradas no exercício da atividade de catador. Esse dado despertou o interesse em questionar, durante a realização das entrevistas, alguns catadores sobre a razão pela qual não haviam concluído o ensino fundamental. A maioria apontou a necessidade de ingressar no mercado de trabalho como principal motivo para não ter dado sequência aos estudos, conforme se pode perceber em relatos como: “Trabalhava em casa de família, daí tinha que posar, daí não dava pra estudar” (Entrevistada E)<sup>6</sup>

É que eu comecei a trabalhar né? E a minha família não tinha tantas condições. Eu tenho bastante irmãos, a gente é de 5, daí era difícil né? Meu pai trabalha, minha mãe trabalhava aqui e na época ela ganhava pouco, eu ainda tava na escola. Naquele tempo era pouquinho que ganhava. Um pouco a vontade de trabalhar, de ter as coisa. A gente já começa a ser adolescente, a quere as coisa. E aí optei por trabalha né? (Entrevistada G).

“Porque assim, resolvi ajudar minha mãe que pagava aluguel. E não tinha muitas coisas de sustenta nós. Não sobrava dinheiro pra paga mais o aluguel e aí resolvi ajuda ela” (Entrevistada C), “Porque comecei a trabalha com 12 anos. Com 12 anos comecei a trabalhar no calçado” (Entrevistada J), “Tive que trabalhar para ajudar em casa” (Entrevistada L).

Trabalho. Comecei a trabalhar muito cedo e a minha mãe me dava assim pra umas pessoas pra eu cuidar da casa (dessas pessoas). Morar, dar comida, roupa passada e estudo. Nunca deram isso, só trabalhava e trabalhava e nunca deram isso. (...) Minha mãe foi muito inocente, sem noção. Como se diz? Sem informação. Porque assim, hoje a gente vai trabalhar e não vai deixar que nossos filhos vão trabalhar com 9, 10 anos e deixe os estudos lá” (Entrevistada K).

Questionados sobre o exercício de outra profissão, 57 respondentes disseram que já trabalharam em outras áreas. O setor com maior representatividade é o setor coureiro calçadista, no qual 27 catadores afirmaram já terem trabalhado. A pesquisa quantitativa não buscou saber as razões pelas quais houve essa migração da indústria calçadista para o setor de reciclagem, porém muitos dos respondentes fizeram questão de informar que a empresa fechou, “quebrou”, na linguagem deles. E que, por não terem escolaridade, viram-se obrigados a irem pra rua trabalhar como catadores. Conforme dados do Ministério do Trabalho e Emprego, o setor viveu, entre os anos de 1994 e 1998, uma crise que ocasionou o fechamento de mais de 200 empresas e 40 mil empregos foram eliminados apenas nos setores diretamente

<sup>6</sup> Os entrevistados não serão identificados pelos nomes originais. Neste trabalho, optou-se por usar letras.

envolvidos com a transformação do couro em calçado. Aqui cabe trazer dados do IPEA (2013), que informa que só no Rio Grande do Sul existem aproximadamente 59.000 catadores. Conforme o mesmo instituto, pode-se dizer que muitos desses indivíduos encontram na atividade de catador a única alternativa possível para realizar a sobrevivência por meio do trabalho, ou seja, a alternativa mais viável diante do contexto, muitas vezes, de miserabilidade em que estão inseridos. A migração do setor coureiro calçadista para o setor de reciclagem, bem como a baixa escolaridade dos catadores que atuaram por muitos anos nesse setor é um dado que não pode ser profundamente abordado nesta pesquisa, mas acredita-se ser um aspecto relevante o suficiente para merecer atenção em futuros estudos.

A presença de mais de um membro da família no local de trabalho também foi questionado, pois, para muitos catadores, a escolha por trabalhar nas Centrais também se deu pela influência de algum familiar. Conforme Baldissera (2009, p. 152), “a identidade é a tessitura e, ao mesmo tempo, a força que mantém juntas as várias identificações possíveis de um indivíduo-sujeito”. Nesse sentido, pode-se inferir que os catadores optam por trabalhar num local no qual seja possível se identificarem com os demais indivíduos, nesse caso, optam inclusive por atuar na mesma central em que atua o seu familiar.

Quanto às motivações para a realização do curso de capacitação, necessário para participar do Programa Catavida, para a maioria dos entrevistados essa se deu por questões pessoais, como a necessidade de trabalho e renda. Considerando as dificuldades de inserção formal no mercado de trabalho, muitos catadores buscaram na capacitação a possibilidade de significar positivamente a profissão de catação. Conforme é possível verificar no relato da Entrevistada E: “Porque eu não consegui mais em firma (Indústria Calçadista), tavam exigindo assim, com se diz, também por idade não aceitavam mais, estudo”. A renda também foi citada pela Entrevistada G: “Na verdade eu bem mais assim né por causa do salário, que o salário era bom, né”. A Entrevistada K também cita a questão financeira: “Ah... totalmente. Financeiramente. Assim em casa, é tudo. Assim, digamos, 80% na minha vida. **É o salário, a renda, o motivo de vir trabalhar**”. “Pela renda. Daí eu pensei vou lá fazer o curso, né? A gente trabalhava lá (Cooperativa anterior), mas a renda era muito pouca. Trabalhava, enchia os caminhões, mas dava R\$ 200,00 por mês” (Entrevistada L). Da mesma forma, a necessidade de prover subsistência aparece na fala da Entrevistada H: “Mais porque tipo assim eu não tenho estudo completo né. Daí não é qualquer firma que pega. Eu tinha 19 anos e tava procurando serviço”. O Entrevistado F disse que a motivação foi “pelos ganhos”. Conforme o autor Morgan (1996, p. 43), “o processo de motivação depende de se permitir às pessoas atingirem recompensas que satisfaçam a suas necessidades pessoais”. É possível perceber que a possibilidade de ter uma fonte de renda foi o principal motivo pelo qual houve o interesse na realização do curso de capacitação. As circunstâncias de vida, como o desemprego e a baixa escolaridade também são fatores que influenciaram a decisão dos catadores.

Outros aspectos, como a inclusão, foram citados apenas pela Entrevistada K:

Eu acho que o que eu mais gosto é assim essa inclusão das pessoas onde não se distingue assim *é branca, é preta, é gorda, é preto é magro*. Eu acho que isso, esse é o intuito do Catavida, esse negócio assim, essa inclusão mesmo. Porque às vezes as pessoas sofrem preconceito pela gordura ou pela cor, pela raça, às vezes porque tu faz mais devagar uma coisa.

Essa mesma entrevistada, quando questionada sobre como se sente na cooperativa, disse: “Me sinto bem. Me sinto muito valorizada”. Quanto à essa questão, a Entrevistada L demonstrou gostar de trabalhar na cooperativa:

Eu me sinto muito bem! Eu gosto de trabalhar aqui. Porque antes eu trabalhava em outros lugares, já fui doméstica e trabalhei muitos anos em fábricas de calçado. Mas foi uma experiência que eu tive e eu gostei da experiência (de trabalhar como catadora).

Essa mesma entrevistada, quando questionada sobre a importância do Programa Catavida em sua vida, respondeu: “Eu gosto de trabalhar aqui no Catavida. De manhã a maior alegria minha é *levantar e vim trabalhar aqui*”, o relato mostra, inclusive, que a entrevistada se refere ao local de trabalho como “Catavida”. Esse relato demonstra não só um sentimento de pertencimento, mas um sentimento de orgulho em trabalhar como catadora na organização. O que permite crer que o Programa, enquanto organização, para essa entrevistada em especial, é capaz de lhe conferir significação e identidade. Para Cadinelli; Calheiros; Lopes; Silva (2013, p. 3),

a busca do indivíduo por um sentido que lhe faça explicar o seu “estar no mundo” será, então, em boa parte, construída através das relações de identificação/significação que ele vai estabelecer no ambiente das corporações. A própria relação de trabalho permitirá ao indivíduo o contato com novos e diferentes espaços e agentes capazes de conferir significação e identidade.

A renda também aparece com frequência nas respostas que se referem à contribuição do Programa para a vida do catador e motivação para permanecer atuando na profissão. De acordo com as respostas descritas a seguir, pode-se confirmar: “Pro sustento da família, né? Antes a gente não podia quase dá nada porque não tinha a renda boa” (Entrevistado C). “A renda tá bom assim né? Antes era pior ainda. A Janete, minha irmã, ganhava 150,00 por mês carregando saquinho nas costa” (Entrevistada J). “Olha, assim, pra mim é muito. Até eu pegar aqui eu não tinha renda nenhuma no caso” (Entrevistada H). “A contribuição que eu posso explicar é assim ó eu trabalhar e ter saúde pra trabalhar e ganhar o meu dinheiro” (Entrevistado D). “Sim, tem a importância. Antes eu não tinha nada né. Agora eu to podendo ter tudo as coisa que eu posso ter. Entendeu? Naquele tempo (cooperativa anterior) não tinha dinheiro pra nada” (Entrevistado C).

Todos, né? Financeiro. O que eu vou te dizer? É mais ou menos isso aí. Porque com esse Programa deu pra comprar muita coisa que não dava antes. É o mesmo que eu vou falar de novo, o financeiro. Por que se tu sair daqui é ruim. Ganhar o que tu ganha aqui, tu não vai ganhar em outra empresa. (Entrevistado F).

Essas questões trazem relatos que comprovam o quanto a renda é significativa para os catadores e, nesse sentido, corroboram

com a proposta do autor Lisboa (2013, p. 140) quando este cita o catador como “um trabalhador excluído de outras possibilidades de inserção profissional, desejoso de ampliar seu poder aquisitivo e sua participação como consumidor no mercado de produtos, bens e serviços”. Nessa perspectiva, a renda pode ser considerada um dos principais fatores de identificação dos catadores com o Programa Catavida. Esses relatos que deixam explícito o quanto a renda é relevante na vida do catador, podem contradizer a proposta de Freitas (2006) no que se refere ao pertencimento aos espaços organizacionais,

(...) não há como retirar o indivíduo do campo social e da dinâmica das instituições aí existentes. Os laços que os indivíduos desenvolvem em suas relações com as organizações são mais do que simplesmente econômicos; na verdade, são carregados de afetos e, portanto, também de natureza psicológica. (FREITAS, 2006, p. 11).

Uma proposta que vai ao encontro dos relatos relacionados às questões financeiras é a proposta trazida por Baldissera (2014) quando o autor cita, novamente, as organizações como lugares onde os sujeitos além de se sentirem satisfeitos, têm a possibilidade de se sentirem pertencentes ao sistema.

A atual configuração sociocultural e estrutural torna as organizações um dos mais importantes lugares para que os sujeitos, mediante seu trabalho, consigam demonstrar sua potencialidade criativa e produtiva, desenvolver suas habilidades e competências e, nessa direção, sentirem-se social e culturalmente pertencentes ao sistema. Nas organizações, os sujeitos encontram a possibilidade de realização profissional, o que tende a gerar satisfação e bem-estar. (BALDISSERA, 2014, p. 7)

A ausência de normas formais pode ser percebida nas intervenções realizadas no local, assim como na fala de alguns catadores. Alguns catadores citam a liberdade, e a rotina de trabalho parece já estar entendida pelos catadores, pois notou-se que todos sabem conduzir suas tarefas sem necessidade de supervisão. Essa questão apareceu na observação da Entrevistada H: “Aqui cada um tem suas responsabilidades. É um serviço bom, não é dentro duma firma aonde tá toda hora alguém em cima de ti te cutucando”. Nesse sentido, constata-se que a transmissão de normas se dá por meio de sistemas informais de comunicação organizacional, ou seja, pela comunicação que ocorre espontaneamente entre os indivíduos da organização. Conforme Grando (2008, p. 11), “na rede informal prevalece o sistema complexo adaptativo, no qual os colaboradores comportam-se como seres humanos reunidos em rede cooperativa”. Essa comunicação interfere na identidade, liberdade e responsabilidade, possibilitando que os indivíduos se sintam mais à vontade para realizar as tarefas a si designadas, o que não quer dizer que não haja responsabilidade, pois se pode verificar que, apesar de não haver formalidade, o trabalho não deixa de ser desenvolvido.

Mesmo o Programa Catavida tendo entre seus objetivos a conscientização em relação às questões ambientais, é explícita a ausência dessa consciência entre alguns catadores, constado por meio de entrevista. Nas observações realizadas aos dois locais, foi possível perceber que nem mesmo os resíduos gerados pelos usuários do

local são devidamente separados. Nas duas centrais, não há lixeiras que possibilitem o descarte correto dos resíduos, fazendo com que os resíduos gerados pelos catadores acabem sendo depositados no mesmo recipiente. Na Central Roselândia, inclusive, viu-se torneiras de água semiabertas, gerando desperdício de recurso hídrico. Nessa perspectiva, é possível afirmar que nem sempre o sujeito cria as suas teias de significação ou produz sentidos convergentes com os sentidos das organizações, na medida em que seus valores simbólicos e culturais não condizem com os valores simbólicos e culturais da organização com que mantém relações sociais.

As questões que envolvem o tema sustentabilidade parecem estar presentes somente nos materiais impressos (*folder*) de comunicação organizacional e na fala dos responsáveis pelo programa quando esses participam de palestras, eventos privados e eventos abertos à comunidade, reuniões, visitas às escolas, empresas privadas etc. Nesse sentido, nota-se que, para com o público externo, o Programa opta por uma comunicação formal, por meio de instrumentos de comunicação bem definidos.

Além de não se perceber uma consciência ambiental nas atitudes dos catadores, também se pode constatar por meio das entrevistas que a preocupação com a devida separação dos resíduos, atitude que impacta diretamente o meio ambiente, bem como o trabalho dos catadores nas centrais, foi mencionada de forma superficial pelos entrevistados. Alguns, inclusive, admitiram não realizar a separação dos resíduos em suas residências. Alguns catadores admitiram não separar os resíduos, outro justificou alegando que “Separo mais ou menos”, “Porque é muita sacolinha. Bastante coisa para separar” (Entrevistado F). Alguns entrevistados responderam essa questão de forma monossilábica, apenas com um “Sim”, “Aham”, demonstrando, dessa forma, que talvez não realize a separação e, com vergonha de admitir, resolveu apenas responder que: “Sim, separo” (Entrevistada E).

Esse aspecto demonstra certa ineficiência nas formas como a questão ambiental foi e é transmitida aos catadores, pois o conteúdo pode ter sido bem transmitido, mas não foi bem recebido. Apesar do assunto ser abordado no curso de capacitação, percebe-se que para muitos catadores essa não é uma questão relevante. Nesse sentido, percebe-se que a forma como os catadores se apropriam do conteúdo não garante a efetividade do processo de comunicação.

Se de um lado, a estrutura e as relações de poder conferem à organização certo controle sobre o planejamento das ações e estratégias de comunicação adotadas, por outro, é a forma como o sujeito irá se apropriar do conteúdo, a partir das suas próprias experiências, vivências e interpretações, que irá garantir ou não a efetividade do processo. Não basta apenas gerar conteúdo, promover ações, comunicar missão, visão e valores da forma mais eficaz possível, utilizando todos os aparatos disponíveis, a empresa precisa monitorar e avaliar o que ocorre no campo da recepção. (CADINELLI; LOPES; SILVA, 2013, p. 3)

Porém, é necessário que se pense o desenvolvimento regional pela lógica do desenvolvimento sustentável, que é capaz de transformar excluídos e marginalizados em cidadãos, e que a estrutura da sociedade tenha grupos homogêneos, voltados para

dentro, nos quais as identidades dos membros são reforçadas. Esses grupos, quando se constituem em organizações, criam um ambiente de lealdade e reciprocidade entre os membros por meio de elementos de comunicação organizacional, sendo útil especialmente para a resolução de problemas de ação coletiva e para o apoio mútuo intragrupo. Nesse caso, as organizações também podem ser vistas como locais onde os indivíduos possam realizar seus objetivos pessoais e constituírem suas identidades, e a comunicação é o elemento norteador de todas estas trocas. A comunicação organizacional tenta abranger todas as possibilidades de comunicação utilizadas e desenvolvidas pela organização para se relacionar e interagir com seus sujeitos.

## 6 Considerações finais

Os dados obtidos por meio da pesquisa quantitativa (aplicação de questionários) e pesquisa qualitativa (entrevistas e observações participantes) demonstram que não há, por exemplo, uma faixa etária única entre os catadores participantes do Programa Catavida, uma vez que foi possível encontrar pessoas com 20 anos e também na faixa etária dos 60 anos. A baixa escolaridade apresentada pelos catadores vem ao encontro da proposta de Lisboa (2013), quando o autor diz que a atividade de catação está atrelada à oportunidade de superação no que se refere à sua garantia de subsistência. E, conforme dados obtidos por meio das entrevistas, para muitos catadores, o exercício da atividade foi a única alternativa encontrada após a crise do setor coureiro-calçadista no Vale dos Sinos.

O resultado das entrevistas apresentou claramente que a principal motivação para a realização do curso de capacitação de catadores estava atrelada à possibilidade de melhoria de vida. Assim, percebe-se as primeiras inferências que a constituição da identidade destes sujeitos acontece primeiramente por meio da condição econômica e busca de melhorias de vida.

No que se refere ao sentimento de pertencimento em relação ao Programa Catavida (organização cooperada), foi possível constatar que há nos catadores uma satisfação em fazer parte do Programa e prazer em trabalhar na atividade de catação. Esse sentimento de pertencimento pode acontecer pelo compartilhamento de elementos simbólicos dos sujeitos organizacionais. Assim, pode-se inferir que a comunicação organizacional do Programa pode constituir uma nova identidade para os catadores, fazendo com que se sintam como profissionais da catação que merecem ser valorizados e, principalmente, que não se sintam à margem da sociedade. Porém, percebeu-se que essa comunicação não é a única fonte constituidora da identidade dos catadores. Nesse sentido, conforme se constatou na análise, há resistência por parte dos catadores quanto à fixação de alguns valores relacionados ao meio ambiente, pois na aplicação dos questionários, realização das entrevistas e observações participantes, pode-se

perceber que há um desencontro da identidade dos catadores com a preservação ambiental, por exemplo. Nesse caso, a comunicação organizacional precisa aproximar valores dos catadores com os valores da organização.

Quanto à principal contribuição do Programa Catavida à vida dos catadores, no que foi possível apreender, pode-se constatar que a renda é o meio que mais constitui a identidade dos catadores em relação ao Programa, tendo sido citada em diversos momentos. A melhora na qualidade de vida, a ascensão social, assim como a possibilidade de adquirir bens e serviços até então inacessíveis faz com que os catadores enxerguem o Programa como o meio pelo qual possam ter uma vida com mais dignidade. Dessa forma, a comunicação organizacional auxilia na constituição da identidade, porém de forma secundária.

No que diz respeito ao desenvolvimento regional, percebe-se que o primeiro indicador da constituição da identidade dos catadores, a condição financeira e o crescimento econômico, é o que efetivamente determina a condição de existência dos sujeitos como catadores, e o que os move para auxiliar no desenvolvimento regional. Aqui demonstra-se a importância em entender o modo de vida dos catadores na qual, as alternativas e soluções para seus problemas estão nos seus estilos de vida, formas de vivência e na sua valorização que, por sua vez, são trocados e compartilhados por meio de processos comunicativos. É com esse pensamento de desenvolvimento regional, capaz de transformar excluídos e marginalizados em cidadãos, por meio de ações cooperadas, com base em recursos naturais e culturais de cada organização, permeada pela comunicação organizacional com valores alinhados, que se pode atuar na constituição de identidade dos sujeitos organizacionais.

## Referências

ALMEIDA, Jalcione. A problemática do desenvolvimento sustentável. **REDES**, Santa Cruz do Sul, v.1, n.2, p. 9-16, dez,1996.

DEPONTI, Cidônea M. e ALMEIDA, Jalcione. **Sobre o processo de mediação social nos projetos de desenvolvimento: uma reflexão teórica**. Porto Alegre, 2008.

BALDISSERA, R. A teoria da complexidade e novas perspectivas para os estudos de comunicação organizacional. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Comunicação organizacional: históricos, fundamentos e processos**. Vol. 1. São Paulo: Saraiva, 2009.

\_\_\_\_\_. Comunicação organizacional, tecnologias e vigilância: entre a realização e o sofrimento. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compós**. Brasília, v. 17, n.s, mai./ago. 2014.

BECKER, D. Fermiano. Necessidade e projetos regionais de desenvolvimento regional. In: BECKER, D. Fermiano e BANDEIRA, Pedro (org). **Determinantes e desafios contemporâneos**. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2000.

CHANLAT, Jean-François (coord). **O indivíduo nas organizações**, v. 2: dimensões esquecidas. São Paulo: Atlas, 1993.

FREITAS, M. E. de. **Cultura Organizacional: formação, tipologias e impactos**. São Paulo, SP: Makron Books, McGraw-Hill, 1991.

\_\_\_\_\_. **Cultura Organizacional: identidade, sedução e carisma?** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5 ed. Ed. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2009.

HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. V. **Teorias da Comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada–IPEA. **Situação Social das Catadoras e Catadores de Material Reciclável e Reutilizável – Brasil**. Livraria Ipea: Brasília, 2013.

KUNSCH, M. M. K. Comunicação organizacional: conceitos e dimensões dos estudos e das práticas. In: MARCHIORI, Marlene. **Faces da Cultura e da comunicação organizacional**. 2 ed. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2008.

GRANDO, G.B. Redes formais e informais por um diálogo interno mais eficaz. In: MARCHIORI, Marlene (org). **Faces da cultura e da comunicação organizacional**. 2a ed. São Caetano do Sul: SP. Difusão Editora, 2008.

LOPES, B.; CALHEIROS, C.; CADINELLI, F.; SILVA, R. **Os desafios da comunicação no âmbito das identidades: construir, dialogar e disseminar percepções**. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, AM: set. 2013. Disponível em: < [http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/lista\\_area\\_DT3-CO.htm](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/lista_area_DT3-CO.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2015.

MORGAN, G. **Imagens da Organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

MONASTERIO, L. M. Capital Social e crescimento econômico no Rio Grande do Sul . In: BECKER, D. Fermiano e BANDEIRA, Pedro (org). **Respostas regionais aos desafios da globalização**. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2002.

PERUZZO, C. M. K. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, J. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008.

**Política Nacional de Resíduos Sólidos**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/pol%C3%ADtica-de-res%C3%ADduos-s%C3%B3lidos>> Acesso em: 15 mar. 2015.

SROUR, R. H. **Poder, cultura e ética nas organizações**. Rio de Janeiro: 1998.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.

**Caroline Delevati Colpo**. Doutora em Comunicação Social. Professora da Universidade Feevale/Novo Hamburgo. E-mail: carolcolpo@feevale.br

**Andreza Oliveira**. Relações Públicas. E-mail: andreza.oliveira@hotmail.com.br. Endereço: Rua Lucas de Oliveira 2808/apto 507, Porto Alegre – RS - Cep 90640-000.

Submetido em: 15/10/2015

Aprovado em: 25/11/2016